

“TERREIRO QUILOMBO CAXIAS”: epistemologias outras e escolas de samba de um município negro

Yasmin Cunha de Menezes ¹

RESUMO

Na esteira dos saberes epistemológicos diversas são as formas de teorizar o conhecimento. Algumas empreendem noções de tempo e espaço que subvertem o cânone ocidental colonialista, como: os saberes das escolas de samba nas periferias urbanas. Em vista disso, o trabalho tem como objetivo observar como as escolas de samba de Duque de Caxias-RJ - instituições de organização fundamentalmente negras como os terreiros e quilombos - constituíram/constituem processos educativos a partir de outras epistemologias e seus sujeitos no território. Em termos teóricos, interessa pensar os cotidianos educativos, bem como a epistemologia que lê o mundo no encantamento dos corpos e palavras. Em termos metodológicos, conversam por meio de referências que versam sobre o tema; análise de fontes, como revistas eletrônicas e jornais; e observação participante, por meio da inserção da autora na agremiação Acadêmicos do Grande Rio. Por fim, os achados desta pesquisa possibilitam evidenciar e dar continuidade aos conhecimentos formativos dos sujeitos de maneira histórica e socialmente referenciada, produzidos pelas instituições de primeira ordem carnavalesca numa região pouco conhecida por isso. Embora tenham sido identificadas limitações bibliográficas para o recorte da delimitação temática do trabalho, as fontes e inserção comunitária da autora se apresentam como valiosos recursos para o alcance do objetivo do mesmo.

Palavras-chave: Saberes epistemológicos, Educação, Cultura, Escolas de Samba, Duque de Caxias.

INTRODUÇÃO

Na esteira da produção de saber diversas são as possibilidades epistêmicas para pensar a Educação. A ciência moderna ocidental, lida aqui como eurocêntrica-cristã-colonialista, foi estruturada com base em saberes pretensamente hegemônicos e universais. Os conhecimentos reconhecidos pelo cânone negam aqueles advindos de sistemas e lógicas de saber fundamentados em outras matrizes. Dessa forma, o que não está no eixo universalista é subjugado e alijado da possibilidade de ser concebido como conhecimento.

Contudo, os saberes epistemológicos subvertem a pretensa lógica universal e se impõe como *pluriversalidade* (Ramose, 2011). De modo que as epistemologias oriundas das matrizes africanas e ameríndias se reivindicam em seus sentidos de saber por seus viventes, mesmo subjugadas pelo colonialismo da ciência. As cosmogonias, ontologias, modos de significar a vida, etc., de cada comunidade afro-pindorâmica enredam a diversidade de sentidos do saber e fazer mundo.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense FEBF-UERJ, Bolsista CAPES; yascmenezes@gmail.com;



Assim, os escritos em tela se ancoram nas práticas afro-diaspóricas como produtoras de saber. Essas práticas se lançam em espaços-tempos que transbordam a limitante forma de construir saber na chamada modernidade. Mais especificamente na educação, as pesquisas nos/dos cotidianos evidenciam como a tessitura das redes de conhecimento podem se dar ao *virar de ponta cabeça* (Alves, 2008). Essa construção teórico-metodológica indica o percurso ético, estético e político deste trabalho. Ao virar os conhecimentos de ponta cabeça podemos compreender que o conjunto teórico empreendido cientificamente não são desprezíveis. Esse conjunto nos possibilita deslocá-lo como limite ao que também precisa ser concebido como conhecimento.

Dessa maneira, este trabalho visa possibilitar um diálogo acerca dos saberes educativos assentados na *epistemologia das macumbas* (Simas; Rufino, 2018). Não como negação da teoria do conhecimento, mas como reivindicação de uma episteme que transcende a imobilidade, monologismo e universalismo do saber. Logo, os limites e deslocamentos dos eixos referenciais nos levam a potencializar as narrativas na prática-teoria-prática das escolas de samba de Duque de Caxias-RJ.

Num município assolado pelo assombramento colonial, as memórias e narrativas acerca das existências e práticas que reivindicam uma condição de saber-ser devem ser pensadas como aporte na política do conhecimento. Dessa maneira, propomos um diálogo entre os saberes epistemológicos das ciências encantadas e as narrativas das escolas de samba nesse território. Por entender que elas podem enunciar parte de um movimento político, epistêmico e estético em Duque de Caxias-RJ.

As narrativas acerca da história das agremiações carnavalescas são diversas nesse território. Entretanto, poucas são as elaborações acerca dessas organizações como esfera formativa dos sujeitos no campo educativo, na historiografia da Baixada Fluminense, tampouco nos estudos sobre samba/escolas de samba. Por isso, buscaremos observar como as escolas de samba de Duque de Caxias-RJ constituem-se de processos educativos a partir de saberes epistemológicos e de seus sujeitos.

As escolas de samba de Duque de Caxias assentam-se em um chão constituído de sambaquis, quilombos, aldeias e terreiros. Seu fundamento encontra-se nas memórias dessas comunidades, que nos possibilita interpretar os sentidos que as escolas de samba possuem. Elas são tramadas pelo fio do município que é cultural e demograficamente negro. As narrativas sobre o “terreiro quilombo Caxias”² mostram como as escolas de samba desse território, mesmo

² Trecho do samba da escola de samba Acadêmicos do Grande Rio em 2020.



sendo pouco reconhecidas, possuem diversidades que as possibilitam serem analisadas sob as percepções de epistemologias outras.

METODOLOGIA

O caminho metodológico deste trabalho consiste em vislumbrar as narrativas presentes nos cotidianos das escolas de samba de Duque de Caxias-RJ. Como pergaminhos a serem decifrados, se faz necessário estudar modos diferentes de *fazer/pensar* os cotidianos. Para fazer do cotidiano um método, uma das formas que Nilda Alves (2008) propõe é *virar de ponta cabeça*. Para a autora, é preciso fazer uso das lógicas da prática, “[...] criar uma nova organização de pensamento e novos processos a partir daquelas lógicas sempre vistas como inferiores ou pouco lógicas, e mesmo não lógicas, perguntando até se são ou precisam ser lógicas.” (Alves, 2008, p.).

Dessa forma, as escolas de samba de Duque de Caxias podem ser compreendidas sob a égide de diferentes lógicas e até não lógicas. Já que como redes de associativismo e solidariedade suas existências são mediadas pelas *confluências* e *transfluências* (Santos, 2015) com quilombos, sambaquis, aldeias e terreiro do território; Mas também pela contradições que se impõe pelo *carrego colonial* (Rufino, 2019), que assombra os cotidianos em condição de desvios existenciais.

Como aporte para as narrativas faremos a observação de fontes como artigos da revista eletrônica “Lurdinha: Duque de Caxias para Estômagos Fortes”³ e os jornais Gazeta de Notícias e do Comércio. Respectivamente, o periódico digital construído por moradores do município, a fim de estimular a opinião pública crítica baseada na exposição de conteúdos que constituem o noticiário sobre o território caxiense; e os periódicos diário da antiga capital federal.

A observação participante da autora na atmosfera da escola de samba Acadêmicos do Grande Rio também se enreda como metodologia. A inserção da pesquisadora como membro da comunidade carnavalesca possibilita que a ela produza uma prática-teoria-prática que dialoga com as narrativas dos sujeitos que constituem o espaço. A análise bibliográfica atravessa essas esferas a fim de evidenciar uma produção de saber fundamentada na epistemologia das macumbas, a qual “não há separação dos caracteres políticos, epistemológicos e metodológicos” (Simas; Rufino, 2018, p. 36).

³ Disponível em: <https://lurdinha.org/site/quale-da-lurdinha/>. Acesso em: 27 out. 2024.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

É possível contar narrativas dos cotidianos das escolas de samba a partir dos artigos da revista eletrônica “Lurdinha - Duque de Caxias para Estômagos Fortes”, que contam e recontam diversas histórias. Essa revista se fundamenta na oralidade para registrar diversas narrativas. Num artigo intitulado “Um pouco de samba em Duque de Caxias”, Alexandre Marques (2012) traz um apanhado sambista, que marca o contexto originário das escolas de samba no município na década de 1930. Sua origem remonta ao batuque que misturava samba, calango e reisado chamado “Chora no Buraco”, considerado uma das primeiras rodas de samba de Caxias.

Com o passar do tempo, os remanescentes do “choro” fundaram em 1934 o Caprichoso do Centenário, que com Jair Lobo como um dos fundadores, logo tornou-se Escola de Samba, inclusive legalizada pelo governo Vargas.⁴ Neste ano, Caxias ainda era o 8º distrito do município de Nova Iguaçu, isto é, a origem das escolas de samba no território precede a própria emancipação da cidade.

No ano seguinte criou-se a Escola de Samba União do Centenário possivelmente por algum outro grupo antagônico no território. A entidade dirigida por Alcebíades logo caiu no gosto do povo, aliás, é notável o interesse jornalístico em noticiá-la. Duas edições seguidas (0024-0025) do jornal Gazeta de Notícias em 1936 fez questão de publicar sobre a possível segunda escola do Centenário. As duas edições divulgam a feijoada em homenagem ao K. Fifa. Mesmo sem conhecimento de quem era o agraciado, trazemos as imagens das matérias encontradas pois, além da importância de promover fontes históricas como essa, elas enunciam questões interessantes para analisarmos a narrativa presente no jornal.

⁴ Nessa época o presidente Getúlio Vargas se utilizava da repressão e disciplinamento das manifestações culturais para controle da população em moldes autoritários e racistas. Lopes e Simas (2021, p. 204) dizem que as escolas tinham que possuir licenciamento junto à delegacia de costumes para desfilarem.

Figura 1 - Imagem de Jornal: *Escola de Samba União do Centenário*

ESCOLA DE SAMBA UNIÃO DO CENTENÁRIO

ESCOLA DE SAMBA UNIÃO DO CENTENÁRIO

A feijoada de domingo próximo, em homenagem ao K. Fija

Caxias reduto dos mais famosos das gentes dos sambas, onde a cuica e os tambores fallam como gente grande, manejados como são por mãos de mestres estará em festas domingo próximo. A União do Centenário escola campeã do anno passado, a escola do Alcebíades, creatura esforcada e dinamica, prestará domingo uma significativa homenagem ao nosso companheiro K. Fija, offerecendo-lhe uma succulenta e deliciosa feijoada, regada com aquella celebre "agua venturosa, quasi combustivel". Vai ser uma festança que abatará e revolucionará a localidade de Caxias, assignalando por uma coisa que vai ser do abafa.

Tratando-se de mastigo, muita gente está limpando o estomago para deglutirem com vontade os feijões, preparado por uma habilitissima cuca em materias culinarias.

Depois da deglutição do mastigo, haverá o ronco das cuicas, o som candente dos pandeiros e tambores e para atormentar o coração da gente e transtornar a "caixa do miolo" ás vezes melgas e deliciosas de graciosas e sorridentes creaturinhas.

Vai ser um successo "colossal" a festança de domingo em Caxias.



Isa Gomes, 2ª porta estandarte da Escola de Samba União do Centenário

União das Escolas de Samba

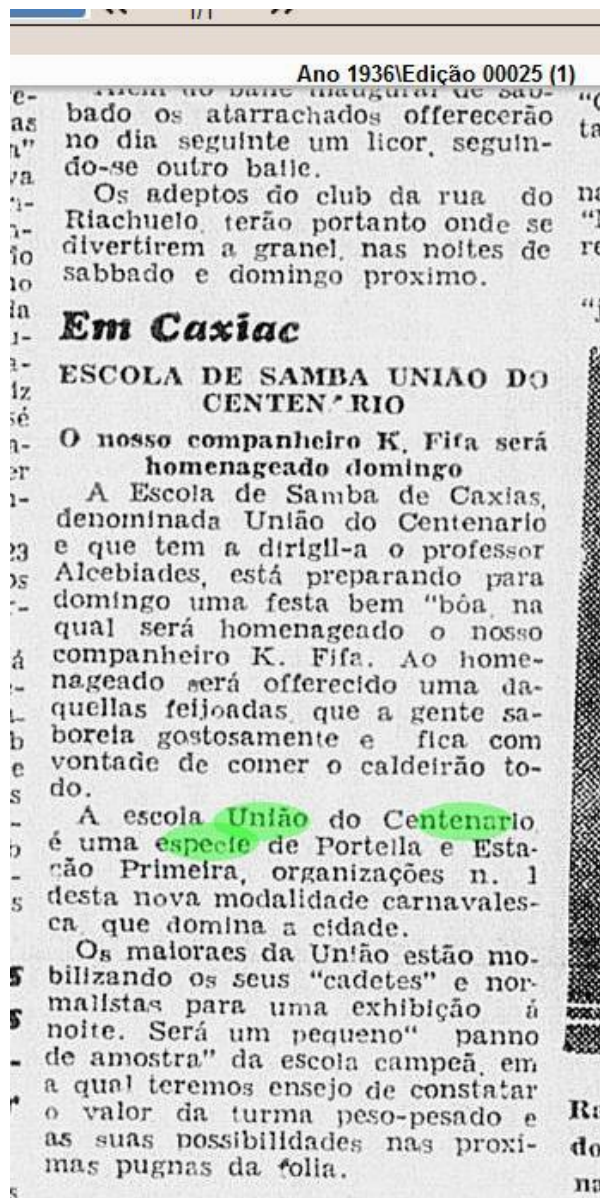
REUNE-SE HOJE O CONSELHO DELIBERATIVO

Reune-se hoje o Conselho Deliberativo da União das Escolas de Sambas.

Nesta reunião que está marcada para ás 20 horas, serão tratados importantes assumptos que se relacionam com o Carnaval.

Fonte: Gazeta de Notícias, 1936 *apud* Heraldo Hb, 2020

Figura 2 - Imagem de Jornal: *Em Caxias – Escola de Samba União do Centenário*



Fonte: Gazeta de Notícias, 1936 *apud* Heraldo Hb, 2020

No texto da Imagem 1, chamamos atenção à relevância de Caxias para o mundo do samba carioca, pois o jornal diário trazia Caxias como um reduto de famosos dos sambas. Onde instrumentos como cuíca e tamborim sobressaíam como "gente grande", o que entendemos como significativos no saber sambista do território. Embora pudesse ser apenas um exagero para emplacar o convite para feijoada da agremiação, a matéria apresentava uma narrativa acerca da União do Centenário que se inscreve num cotidiano. Sobretudo, quando conta que a festança vai abafar e revolucionar Caxias, como um sucesso colossal (Gazeta de Notícias, 1936).

A mensagem passada fala por si só, mas nos cabe aqui frisar a relevância da compreensão acerca da dimensão de potência de Caxias no mundo do samba. Por possuir



peças das mais famosas do contexto, pela musicalidade e domínio dos instrumentos e por saber realizar boas e desejadas festas. Esse entendimento se torna ainda mais interessante quando na Imagem 2, a matéria aponta para a expressividade da União do Centenário em comparação às agremiações Portela e Estação Primeira de Mangueira. Apontadas como “organizações n. 1” da modalidade carnavalesca carioca, essas escolas ainda se situam no topo da hierarquia das escolas de samba.

As escolas citadas no jornal dispensam apresentações, elas surgiram na década anterior à União do Centenário e continuam até os dias atuais em destaque no principal grupo de disputa do carnaval carioca. Nesse fluxo, é importante destacar que essa afirmação não surge em tom de comparação entre elas e a agremiação caxiense, haja vista que possuem diversos fatores sócio-políticos diferentes entre a capital carioca e o 8º distrito de Nova Iguaçu, onde estão inseridas.

A escola de samba seguinte a ser criada em Caxias, fundada em 1938, foi chamada de “Vai como Pode”. Segundo as narrativas presentes no “Lurdinha”, ela é a escola que depois virou Cartolinas de Caxias. Contam que a agremiação instalada na região Vila São Luiz era formada em sua base por trabalhadores da rede ferroviária. Nela recebiam-se grandes nomes do samba, como, por exemplo, os portelenses Paulinho da Viola, Noca da Portela, Monarco, Wilson Moreira e os mangueirenses Nelson Sargento, Nelson Cavaquinho e Cartola, entre outros.

Muitos desses célebres sambistas, na época, eram apenas jovens compositores construindo a vida pela via de uma manifestação cultural e ancestral. Dentre esses artistas da escrita e da rítmica, um que era pouco conhecido mas muito potente, e que possivelmente era o elo que trazia os sambistas mais badalados da capital federal prestigiarem os sambas em Caxias era Hélio Cabral. Considerado o maior ganhador de sambas de enredo como compositor na Cartolinas, Hélio teve sambas gravados na Mangueira e eternizados na voz de Martinho da Vila e Clementina de Jesus.

heraldo hb, autointitulado animador cultural, escritor e produtor audiovisual nos conta em seu texto “Raquel Trindade e o elo perdido caxiense” para a revista Lurdinha em 2013, que Solano Trindade quando morava em Caxias possuía Hélio Cabral como vizinho de muro e amigo. Em outro texto de hb para a revista, “Bate papo musical sobre a Cartolinha de Caxias” de 2015, ele conta que por alguns dos anos em Solano morou em Caxias, foi ele quem desenhou fantasias e projetou os carros abre-alas para Cartolinha apresentar seus enredos na Praça Onze e Presidente Vargas. Inclusive, possibilitando que a escola ganhasse o carnaval em 1956 na Praça XV.



Nesse mesmo contexto, Solano Trindade, que defendia e se articulava com as mais variadas expressões culturais do povo negro, realizava diversas festas como diretor do Teatro Popular Brasileiro. Uma delas, em 1953, foi anunciada no Jornal do Comércio a partir de uma nota informativa com o título “A Festa de Terreiro do Teatro Popular Brasileiro” (Jornal do Comércio, 1953 apud Heraldo Hb, 2023). O terreiro era o próprio chão da Cartolinas de Caxias. No anúncio a festa prometia danças e cantos do populário nacional, como partido alto, pernada, rancho, samba baiano, frevo, candomblé, maracatu, macumbas e folia de reis executados pela Escola de Samba Cartolinas de Caxias e o Teatro Popular Brasileiro. Além disso, é possível visualizar os intelectuais e artistas confirmados até o momento da divulgação, dentre eles Vinicius de Moraes, Heitor dos Prazeres e Edison Carneiro.

Na década de 40, foi criada também a Unidos da Vila São Luiz, localizada no bairro de mesmo nome. A agremiação tinha como destaque a figura ímpar de Diva, uma compositora e emérita partideira. Os encontros da escola de samba eram marcados pelo “chá de macaco”, uma boa cachaça que era acompanhada por um prato de substância, angu à baiana, mocotó, feijoada e outros petiscos (Hb, 2013a). Para mais, cabe dizer que informações sobre a dinâmica das agremiações, como essas trazidas sobre a União da Vila São Luiz nos são muito caras, contudo são pouco encontradas, o que refletem o apagamento e desvalorização das histórias, memórias e narrativas das práticas afro-diaspóricas.

No ano 1971, ilustres membros da sociedade caxiense convenceram os sambistas a fundir as quatro escolas de samba em uma que chamaria-se Escola de Samba Grande Rio. Segundo o texto de Nei Lopes (2007) recuperado por Heraldo Hb na Lurdinha com título “Escolas de samba de Caxias por Nei Lopes”, o movimento gerador da primeira forma da Grande Rio originou-se da amplitude do, já emancipado, município. Em comparação com o município vizinho Nilópolis, que com menos da metade de habitantes e um desenvolvimento econômico inferior ao então município de Duque de Caxias, estranharam a prosperidade da escola de samba Beija Flor de Nilópolis de 1948 e não queriam ficar para trás.

Assim, para ingressar na Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro (AESCRJ), que na época comandava a maior parte das disputas do carnaval, e seguir trilhando o caminho das abastadas escolas, a novata - que não era tão novata assim - Grande Rio utilizou-se da estrutura jurídica do bloco de enredo Unidos do Lambe Copo, situado no bairro da na Prainha em Caxias, para ser fundada em 22 de março de 1988, pois era necessário ter origem em um bloco. Para não começar seu caminho na quinta divisão, no dia 22 de setembro do mesmo ano, a Grande Rio funde-se com a escola Acadêmicos de Caxias, dando origem à atual escola de samba Acadêmicos do Grande Rio.

Nessa transição, a escola trocou suas cores azul, vermelho e branco escolhidas na primeira junção da escola, para verde, branco e vermelho, evocando o verde da Capricho e o vermelho da São Luiz (Hb, 2013a). Seu símbolo tornou-se a coroa, que no emblema localiza-se em cima do escudo dividido entre um lado de fundo vermelho com um tambor e suas baquetas cruzadas e do outro, em fundo verde uma estrutura que representa a Refinaria Duque de Caxias (Reduc), conforme Imagem 3 abaixo. Sua sede, antes situada na Avenida Manoel Teles, passou para a Avenida Almirante Barroso, onde situa-se até os dias atuais. Um dos sambistas envolvidos nessa aposta carnavalesca chama-se Milton Perácio, ele foi o primeiro presidente eleito e, depois de idas e vindas, segue ocupando o cargo da maior liderança da escola atualmente.

Imagem 3 - Logomarca: *G.R.E.S Acadêmicos do Grande Rio*



Fonte: Jotaerre, 2020

No contexto de Duque de Caxias, essas agremiações, além dos blocos carnavalescos, foram construídas sob a égide da necessidade de reinvenção da política de morte provocada pelo Estado pelo povo, sobretudo negro. Toda essa transição histórica e associativa estava acontecendo no mesmo momento complexo e contraditório da luta por emancipação, que culminou com o íntimo vínculo do município com as ditaduras brasileiras. Nesse sentido, ainda que diante das muitas disputas sobre as narrativas das escolas de samba, aqui evidencia-se a via das organizações que descendem dos povos afro-pindorâmicos viventes no território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo, podemos entender as escolas de samba como organizações constituídas de sentidos diversos. Neste trabalho, foi possível organizar narrativas sistematizadas a partir da prática-teoria-prática assente na produção nos/dos/com os cotidianos. De modo que a



delimitação temática conflui com os saberes epistemológicos e se apresenta como sujeitos narrativos para contar sua própria história e tecer redes de conhecimento.

Dessa forma, foram identificadas limitações bibliográficas que se debruçassem acerca da história e memória das escolas de samba de Duque de Caxias. Entretanto, elas não foram limitantes para a realização do trabalho que tomou como pressuposto as narrativas como possibilidade de construção de conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às comunidades do samba e das escolas de samba de Duque de Caxias-RJ, à Revista Lurdinha, na pessoa de heraldo hb; e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado que possibilita o desenvolvimento deste artigo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho. In: OLIVEIRA, Inês; ALVES, Nilda (org). **Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2008.

HB, Heraldo. Bate-papo musical sobre a Cartolinhas de Caxias. **Lurdinha de Caxias**, Duque de Caxias, 28 jan. 2015. Disponível em: <<https://lurdinha.org/site/bate-papo-musical-sobre-a-cartolinhas-de-caxias/>>. Acesso em: 03 dez. 2023.

HB, Heraldo. Escolas de samba em Caxias, por Nei Lopes. **Lurdinha de Caxias**, Duque de Caxias, 17 abr. 2023. Disponível em: <<https://lurdinha.org/site/escolas-de-samba-em-caxias-por-nei-lobes/>>. Acesso em: 03 dez. 2023.

HB, Heraldo. Escola de Samba União do Centenário em 1936. **Lurdinha de Caxias**, Duque de Caxias, 6 jan. 2020. Disponível em: <<https://lurdinha.org/site/escola-de-samba-uniao-do-centenario-em-1936/>>. Acesso em: 04 dez. 2023.

HB, Heraldo. Raquel Trindade e o elo perdido caxiense. **Lurdinha de Caxias**, Duque de Caxias, 13 dez. 2023. Disponível em: <<https://lurdinha.org/site/raquel-trindade-e-o-elo-perdido-caxiense/>>. Acesso em: 03 dez. 2023.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da história social do samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

RAMOSE, Magobe. **Sobre a legitimidade e o estudo da Filosofia Africana**. Ensaios Filosóficos, Rio de Janeiro, v. IV, out. 2011.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editora, 2019.



SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações.** Brasília: INCTI/UnB, 2015.